

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

COTIDIANO E ATUALIDADE: A INTERFACE DA COMUNICAÇÃO COM A GEOGRAFIA

Cremilda Celeste De Araújo Medina

Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 12 - 14, dez., 1995.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38026/24523>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

COTIDIANO E ATUALIDADE: A INTERFACE DA COMUNICAÇÃO COM A GEOGRAFIA

Cremilda Medina *

Na formação do educando, em todos níveis da escolaridade, um dos maiores desafios é a motivação da iniciativa que transforma a situação aparentemente imutável. Além de ensinar o que se sabe e o que se está descobrindo, o professor anima o aluno a desenvolver suas próprias descobertas e a criar estratégias perante as situações imediatas. Aquela sabedoria popular, que embora seja cunhada de utilitária, representa os estímulos sagrados do presente – para que serve o que estou estudando? – põe em relevo a atualização do processo de ensino e aprendizagem. A presentificação do projeto educacional, por mais que certas disciplinas tenham vocação para o tempo histórico, em retrospectivas ou busca de raízes, emerge das necessidades oportunas para viver ou sobreviver, conforme o grau de cidadania. Até mesmo na capacidade subjetiva de sonhar, em que o tempo estritamente histórico desaparece, há uma constante presentificação simbólica inspirada nas contingências do desejo humano.

As cronologias e a linearidade das técnicas pedagógicas, sob a alegação de que formulam os conteúdos de maneira mais clara, *didática*, empurram a atualidade para um tempo posterior que nunca alcança o calendário escolar. São exemplos rotineiros disso, o ensino da História, o ensino das Literaturas ou o ensino de qualquer disciplina de outros domínios que não as humanas. Para tomar o caso da História, como um aluno contemporâneo pode formular perguntas e ensaiar uma posição perante os massacres em Ruanda? Ao se deparar com uma imagem de jornal, em que um homem carrega duas crianças mortas, penduradas como um pacote, para despejar numa vala comum, que subsídios históricos ele tem para ler essa fotografia, se não conseguiu chegar sequer à Segunda Guerra Mundial na Europa, quanto mais à tragédia da África pós-independências?

A vida do educando, nos seus diferentes contextos socioculturais ou na biodiversidade dos indivíduos, está repleta de conflitos, mistérios e impulsos para participar da construção de seu destino. Daí este presente imediato ser sagrado. O educando é, ele próprio, a força da atualidade e espera da escola, além do preenchimento de outras carências – que muitas vezes começam pela nutrição –, informações que o ajudem a se desempenhar nas emergências diárias. Claro, a informação do passado e todos os acervos disponíveis, inclusive os que mobilizam a informática, preparam a consistência de uma ação criativa para o futuro. Mas se o educador não presentificar os grandes dilemas da herança na atualidade, corre-se o risco de congelar a ação transformadora da vitalidade de cada aluno. Já se descartou, pedagogicamente, a *decoreba*, a mecânica memorização dos conhecimentos consagrados. Ao reequacionar esta prática de ensino, se avançou muito na pedagogia contemporânea. Mas um dos caminhos para fertilizar a dinâmica ensino e aprendizagem permanece à margem – passa-se ao largo das situações cotidianas do presente em que os conhecimentos especializados adquirem outras significações.

O conhecimento científico, repassado às disciplinas escolares, pretende, na sua grande ambição de poder, traçar diagnósticos, mapas (com perdão da metáfora, senhores geógrafos) e programas de controle daquilo que se convencionou chamar, na ideologia cientificista, de ignorância humana. As sociedades, os grupos, as regiões, o planeta são enquadrados em leis, princípios, homogeneidades ou regularidades por atacado (daí as gramáticas, os manuais didáticos) que o varejo do cotidiano desmente. O aluno vem da particularidade de sua vida, do extrato social e cultural a que pertence e vai à escola para

ser treinado em um conhecimento universal, cujo *marketing* lhe vende a ilusão das grandes soluções para o mundo e para sua carreira individual. Não demora a se manifestarem sinais esquizofrênicos entre seu dia-a-dia e aqueles pacotes conceituais que deve assimilar na escola. Para que serve e servirá tudo aquilo se, na rua, em casa ou na imaginação os temas não só não parecem confluir com a realidade, como a sua impotência perante o mundo cresce?

Talvez o professor se refugie no conhecimento acumulado e registrado em suportes nobres (incluindo hoje os bancos de dados e outros veículos da informática nas escolas de alto poder aquisitivo), porque ele, como seus alunos, se sente extremamente inseguro para viver o próprio cotidiano. Com toda a amplificação da importância dos meios de comunicação e com a conseqüente ideologia crítica que os desautoriza, o professor fica desconfiado de se valer desses meios na sala de aula, conforme dita o figurino atual. Muitas vezes, como usuário da informação de atualidade, não consegue assinar mais de um jornal, uma ou duas revistas, acompanhar rádio e telejornalismo, como descrevem as estatísticas dos cidadãos plenos. Em rodas de amigos, o modismo é praticar a crítica dos meios, mas da Sociologia crítica da comunicação dos anos 40, vocalizada sobretudo pela Escola de Frankfurt, às reduções do senso comum atual muita coisa se perdeu. Então o professor bem intencionado e até compelido pelo projeto educacional do País quer aplicar em sala de aula aquele que é o discurso de atualidade por excelência e não sabe muito bem como.

O Jornalismo, na Comunicação Social, faz da narrativa da atualidade a sua matéria-prima simbólica. O que não quer dizer que o cotidiano seja privilegiado como seria de esperar. A Comunicação Social e o Jornalismo carregam as mesmas marcas do cientificismo, antes referidas na Educação. Se o acontecimento social do momento define o discurso da atualidade que se veicula no Jornalismo, as fórmulas, como se expressam significados do presente no noticiário, quase sempre não deixam perceber a cena cotidiana e anônima da gente miúda – cidadãos, subcidadãos e deserdados. A produção simbólica do cotidiano na atualidade está, no Jornalismo com outras formas-fórmulas de conhecimento, aprisionada em paradigmas cientificistas em crise. O discurso da objetividade e da busca da verdade servem de frágil escudo para defender práticas jornalísticas reducionistas.

A redução que se faz do presente humano nas narrativas da atualidade espelha o pouco caso que se dá aos múltiplos tempos em jogo na emergência diária. Por *gancho* (gíria jornalística) de atualidade se entende o tempo consagrado pelos eventos político-econômicos, o tempo inesperado dos desastres, das catástrofes ou o tempo industrial da periodicidade jornalística. As flutuações entrelaçadas de curta, média e longa duração não comparecem, na maioria das pautas informativas, apesar das facilidades dos acervos à disposição nas redes e bancos de dados ou na bibliografia ou na pesquisa em processo. O conceito de atualidade esquematiza de tal forma o presente que o acontecimento humano se transforma num fato jornalístico isolado, pontual, sem nexos objetivos nem significados subjetivos. O tempo cultural, mágico, mítico – tão necessário para construir os protagonistas da ação social nas suas caracterizações individuais – mal aflora nos chamados perfis da imprensa.

Para que o cotidiano se presentifique é preciso todo um abalo das rotinas industriais da produção da notícia. Do traçado de superfície – a superfície consagrada pelas estruturas e pelos personagens de poder – torna-se necessário mergulhar na intimidade. Da objetividade esquemática e burocrática de uma notícia à complexa e surpreendente subjetividade dos que vivem aqueles acontecimentos. Da fragmentação das ações humanas à sua contextualização na rede de forças que lhe é subjacente. Da imediatez de um momento avulso, à trama de tempos que afloram no presente. Da hegemonia da produção material (fatores econômicos) que tudo explicam no raciocínio causa e efeito, à sutileza das inter-causalidades e sobretudo a força das identidades culturais na produção simbólica. Ora, não são as situações macro – grandes abstrações racionais – que oferecem o laboratório do cotidiano presentificado. Pelo contrário, nas microsituações humanas se tece a aventura do presente. Só o cotidiano particularizado nas estratégias locais oferece elementos para a narração criativa dos acontecimentos, muito mais anti-heróicos do que grandiloquentes.

Os relatos de atualidade – ou jornalísticos – acusam, portanto, um déficit de criatividade que constitui o desafio da pesquisa nessa área. E não são as empresas que vão dar conta dessa demanda, porque elas são quase sempre reforçadoras da tradição, uma tradição que tem por lastro os paradigmas cientificistas. Trata-se então de um beco sem saída? Não parece: há sinais ou pontos luminosos no horizonte. Primeiro porque autores sensíveis aqui e ali se revoltam contra esses estrangulamentos. Em livros-reportagem ou em peças veiculadas nos meios tradicionais surgem trabalhos que tocam de perto nesta

narrativa de atualidade que aprofunda a saga anônima; depois, algumas universidades procuram sua identidade profunda, pesquisam e propõem transformações (afinal os cursos universitários de Jornalismo acumulam uma história de cinquenta anos); em terceiro lugar, a crise de paradigmas que abala a ciência e as técnicas estabelecidas (inclusive a Comunicação Social) a todos contamina e nos esforços de desmontagem, impõem-se as interfaces que, por sua vez, avançam para a trans e pós-disciplinaridade.

Porque se sente o significado político e existencial da presentificação do cotidiano numa narrativa ética, técnica e esteticamente transformadoras, pesquisadores, professores, estudantes e profissionais (ainda que poucos) estão voltados para a transgressão das fórmulas vigentes nos meios de comunicação. Certamente sairão novos narradores da atualidade que em um futuro próximo constituirão a massa crítica das mudanças. Nesse meio tempo, esta pesquisa encontra parcerias inestimáveis e, entre elas, os geógrafos. Atingidos, como os jornalistas, pela força mutável do presente e a dura incumbência de alterar a todo o momento os mapas por não espelharem eles toda a complexidade dos territórios (outra vez me apropriando da metáfora de origem geográfica), podem, na interdisciplinaridade, contribuir para uma outra resposta na irrequieta produção dos sentidos de atualidade.

Educadores-geógrafos e pesquisadores-jornalistas representam duplas virtuais para projetos de incorporação dos discursos de atualidade na sala de aula. Insista-se mais uma vez que pouco resolve aderir ao modismo de fazer os alunos ler jornal. Aprender a ler antes de ler, talvez produza resultados inesperados como o de que nada adianta ler qualquer jornal, ou notícia ou artigo. Não esqueçam os geógrafos que os comunicólogos já fizeram e refazem a todo o momento a Sociologia crítica da comunicação social numa epistemologia bastante fértil. Agora, trabalhem juntos – os que passaram pelos abalos de suas certezas através de estudo e da sensibilidade – num projeto de novas e selecionadas narrativas jornalísticas, mesmo que contrapostas às tradicionais, pode resultar numa oficina pedagógica altamente criativa e, portanto, emancipatória. Essa experiência que resgata, no Jornalismo e na Educação, a presentificação do cotidiano envolve valores para além dos políticos. A consciência de cidadania se testa na *competência* para a ação transformadora, mas atinge a plenitude nos afetos da cumplicidade.

Como antídoto ao divórcio entre o que se estuda na escola e o que se vive, nada melhor que um determinado conteúdo ser afeto ao educando. Afetuosamente fluem aprendizados: favorecer o diálogo dos conteúdos e das experiências com a vitalidade presente do aluno pede uma pedagogia lúdica e não produtivista. Ler e encenar as aventuras humanas da atualidade estimula a imaginação e cria um laço solidário mais ancestral que a situação histórica que se definiu como cidadania.

* Jornalista e professora na Escola de Comunicações e Artes da USP. Coordena, desde 1991, o projeto integrado de pesquisa PROJETO PLURAL, que registra uma experiência inter, trans e pós-disciplinar.